

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E AUTOMEDICAÇÃO: ANÁLISE DOS IMPACTOS NO COMPORTAMENTO EM SAÚDE

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND SELF-MEDICATION: AN ANALYSIS OF THE IMPACTS ON HEALTH BEHAVIOR

INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y AUTOMEDICACIÓN: UN ANÁLISIS DE LOS IMPACTOS EN EL COMPORTAMIENTO RELACIONADO CON LA SALUD

Ana Luíza Molick Gomes¹
Jamilly Bezerra da Silva²
Fabia Julliana Jorge de Souza³

RESUMO: A expansão das tecnologias digitais modificou significativamente a forma como a população busca informações relacionadas à saúde, especialmente diante do crescimento das ferramentas baseadas em Inteligência Artificial. Aplicativos, assistentes virtuais, mecanismos de busca e plataformas digitais passaram a oferecer respostas rápidas sobre sintomas, doenças e tratamentos, influenciando comportamentos relacionados ao autocuidado e à tomada de decisões terapêuticas. O presente estudo busca responder ao seguinte questionamento: de que forma o uso de ferramentas de Inteligência Artificial influencia o comportamento de automedicação e a tomada de decisão em saúde por parte dos usuários? Diante dessa problemática, o estudo tem como objetivo analisar os impactos do uso da Inteligência Artificial no comportamento de automedicação e na tomada de decisões relacionadas à saúde. Busca-se ainda identificar como essas ferramentas vêm sendo utilizadas para obtenção de informações sobre sintomas e tratamentos, investigar a relação entre o uso dessas tecnologias e a prática da automedicação, avaliar os possíveis riscos associados à utilização dessas ferramentas e discutir as implicações éticas e de segurança relacionadas ao uso da Inteligência Artificial como fonte de orientação em saúde. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura. A coleta de dados ocorreu nas bases SciELO, LILACS e PubMed, utilizando descritores em português e inglês relacionados à temática proposta. Os resultados evidenciaram que as tecnologias digitais influenciam diretamente práticas de automedicação, autodiagnóstico e consumo inadequado de medicamentos, principalmente entre jovens e usuários frequentes das redes sociais. Conclui-se que a Inteligência Artificial apresenta importantes contribuições para a área da saúde, porém seu uso sem acompanhamento profissional pode favorecer riscos à segurança dos usuários.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Automedicação. Daúde digital. Comportamento em saúde. tecnologias digitais.

¹Discentes de farmácia da universidade potiguar (UNP).

²Discentes de farmácia da universidade potiguar (UNP).

³Mestre e Doutora em Ciências da Saúde. Docente/orientadora da universidade Potiguar (UNP).

ABSTRACT: The expansion of digital technologies has significantly changed the way people seek health-related information, especially with the growth of Artificial Intelligence-based tools. Applications, virtual assistants, search engines, and digital platforms now provide quick responses about symptoms, diseases, and treatments, influencing behaviors related to self-care and therapeutic decision-making. This study seeks to answer the following question: how does the use of Artificial Intelligence tools influence self-medication behavior and health decision-making among users? Given this issue, the study aims to analyze the impacts of Artificial Intelligence on self-medication behavior and decision-making related to health. It also seeks to identify how these tools have been used to obtain information about symptoms and treatments, investigate the relationship between the use of these technologies and self-medication practices, evaluate the possible risks associated with the use of these tools, and discuss the ethical and safety implications related to the use of Artificial Intelligence as a source of health guidance. This is a basic research study with a qualitative approach, developed through a narrative literature review. Data collection was carried out in the SciELO, LILACS, and PubMed databases using descriptors in Portuguese and English related to the proposed theme. The results showed that digital technologies directly influence practices of self-medication, self-diagnosis, and inappropriate medication use, especially among young people and frequent social media users. It is concluded that Artificial Intelligence presents important contributions to the health field; however, its use without professional supervision may increase risks to users' safety.

Keywords: Artificial Intelligence. Self-medication. Digital health. Health behavior. Digital technologies.

INTRODUÇÃO

2

A automedicação constitui uma prática amplamente disseminada na sociedade contemporânea, sendo caracterizada pela utilização de medicamentos sem prescrição ou acompanhamento de profissionais habilitados. Esse comportamento tem sido impulsionado por diferentes fatores, como a busca por soluções rápidas para sintomas cotidianos, a facilidade de acesso a medicamentos isentos de prescrição e, principalmente, o amplo acesso a informações disponíveis na internet. Embora muitas vezes seja percebida como uma prática simples e inofensiva, a automedicação pode ocasionar sérios riscos à saúde, incluindo reações adversas, intoxicações, interações medicamentosas, agravamento de doenças preexistentes e mascaramento de sintomas importantes, dificultando diagnósticos adequados e tratamentos precoces (Wolff; Peder, 2021).

O crescimento acelerado das tecnologias digitais aplicadas à saúde, especialmente das ferramentas baseadas em Inteligência Artificial (IA). Essas tecnologias têm sido incorporadas em diferentes contextos, incluindo aplicativos, plataformas digitais, assistentes virtuais e chatbots voltados para orientação em saúde. A IA apresenta potencial para auxiliar na organização de informações, identificação de padrões clínicos, otimização de diagnósticos e

ampliação do acesso ao conhecimento em saúde. Entretanto, o uso indiscriminado dessas ferramentas também desperta preocupações relacionadas à confiabilidade das informações fornecidas e à forma como os usuários interpretam e utilizam essas orientações em suas decisões relacionadas à saúde.

Os sistemas de Inteligência Artificial podem fornecer respostas rápidas e aparentemente personalizadas sobre sintomas, doenças e possíveis tratamentos, levando muitos usuários a recorrerem a essas ferramentas antes mesmo da busca por atendimento profissional. Em diversos casos, as recomendações fornecidas por aplicativos e plataformas digitais são interpretadas como orientações seguras e suficientes para a tomada de decisões terapêuticas. Contudo, tais sistemas nem sempre consideram aspectos fundamentais da individualidade humana, como histórico clínico, condições pré-existentes, uso concomitante de medicamentos, alergias e fatores fisiológicos específicos, o que pode favorecer interpretações equivocadas e incentivar práticas inadequadas de automedicação.

O crescimento das redes sociais e da circulação de conteúdos digitais sobre saúde contribui para a propagação de informações nem sempre fundamentadas cientificamente. Muitos usuários utilizam vídeos, fóruns, publicações em redes sociais e conteúdos produzidos por influenciadores digitais como fonte de orientação sobre medicamentos e tratamentos, fortalecendo práticas de autodiagnóstico e automedicação. Segundo Corrêa *et al.* (2023), a automedicação tem sido favorecida pela banalização do uso de medicamentos e pela valorização de experiências pessoais como fonte de conhecimento em saúde, especialmente em contextos de dificuldade de acesso aos serviços médicos.

A Inteligência Artificial passa a ocupar um espaço cada vez mais presente no cotidiano da população, influenciando comportamentos relacionados ao cuidado com a saúde e à tomada de decisões terapêuticas. Embora essas tecnologias apresentem benefícios importantes para a área da saúde, também surgem preocupações relacionadas aos riscos éticos, à disseminação de informações incorretas e à utilização inadequada dessas ferramentas pela população.

Torna-se relevante discutir os impactos da Inteligência Artificial no comportamento de automedicação, considerando o crescimento do uso dessas tecnologias e a facilidade de acesso às informações digitais em saúde. Apesar dos avanços científicos relacionados à aplicação da IA na área da saúde, ainda são necessários estudos que analisem de forma mais aprofundada as implicações comportamentais decorrentes do uso dessas ferramentas, especialmente no que se refere às práticas de automedicação e à tomada de decisões sem acompanhamento profissional.

O presente estudo busca responder ao seguinte questionamento: de que forma o uso de ferramentas de Inteligência Artificial influencia o comportamento de automedicação e a tomada de decisão em saúde por parte dos usuários?

Diante dessa problemática, o estudo tem como objetivo analisar os impactos do uso da Inteligência Artificial no comportamento de automedicação e na tomada de decisões relacionadas à saúde. Busca-se ainda identificar como essas ferramentas vêm sendo utilizadas para obtenção de informações sobre sintomas e tratamentos, investigar a relação entre o uso dessas tecnologias e a prática da automedicação, avaliar os possíveis riscos associados à utilização dessas ferramentas e discutir as implicações éticas e de segurança relacionadas ao uso da Inteligência Artificial como fonte de orientação em saúde.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza básica, com abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de revisão de literatura do tipo narrativa. Esse tipo de revisão possibilita uma análise ampla e interpretativa da produção científica relacionada ao tema, permitindo compreender criticamente os fenômenos investigados sem a utilização de protocolos rígidos de sistematização.

A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento bibliográfico em bases de dados científicas reconhecidas, incluindo a Scientific Electronic Library Online (SciELO), a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a PubMed. Essas bases foram selecionadas devido à relevância na área da saúde e à ampla cobertura de publicações científicas nacionais e internacionais.

Foram utilizados descritores em português e inglês, combinados por meio de operadores booleanos, entre eles “Inteligência Artificial”, “Artificial Intelligence”, “automedicação”, “self-medication”, “comportamento em saúde” e “health behavior”. A estratégia de busca contemplou diferentes combinações desses termos, visando ampliar a abrangência dos estudos identificados.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos científicos publicados entre os anos de 2015 e 2025, disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, que abordassem a utilização da inteligência artificial na área da saúde e sua relação com o comportamento de automedicação ou tomada de decisão em saúde. Foram excluídos estudos duplicados, trabalhos

incompletos, resumos simples, editoriais e publicações que não apresentassem relação direta com a temática proposta.

Após a seleção, os estudos foram analisados de forma descritiva e interpretativa, buscando identificar padrões, convergências e divergências entre os achados encontrados na literatura. A análise foi conduzida com base na leitura crítica dos materiais selecionados, permitindo discutir os impactos do uso da inteligência artificial no comportamento dos usuários, especialmente em relação à automedicação, bem como os riscos, implicações éticas e desafios associados à utilização dessas tecnologias na área da saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A expansão das tecnologias digitais e o avanço da Inteligência Artificial provocaram mudanças significativas na forma como a população busca informações relacionadas à saúde. Ferramentas digitais capazes de interpretar sintomas, responder perguntas e fornecer orientações rápidas passaram a integrar o cotidiano de milhões de usuários, influenciando diretamente comportamentos ligados ao autocuidado e à tomada de decisões terapêuticas.

Nesse cenário, estudos nacionais como os de Gomes *et al.* (2023) e Lima e Costa (2021) apontam que plataformas como Instagram, TikTok e YouTube passaram a ocupar posição central na disseminação de conteúdos relacionados à saúde. Muitos usuários recorrem a essas plataformas como primeira fonte de informação diante do surgimento de sintomas ou dúvidas sobre medicamentos e tratamentos. Esse comportamento amplia a exposição da população a conteúdos terapêuticos simplificados, incompletos ou sem validação científica adequada, aumentando os riscos relacionados ao uso inadequado de medicamentos.

A facilidade de acesso às informações digitais contribuiu para fortalecer práticas de autodiagnóstico e automedicação. A rapidez das respostas fornecidas por mecanismos de busca, aplicativos e ferramentas baseadas em Inteligência Artificial cria uma sensação de praticidade e autonomia, fazendo com que muitos indivíduos priorizem orientações digitais antes mesmo da procura por atendimento profissional. Em muitos casos, os usuários interpretam respostas automatizadas como recomendações seguras e suficientes para conduzir decisões relacionadas à própria saúde.

A análise dos estudos selecionados evidencia que a automedicação influenciada por conteúdos digitais está associada principalmente ao consumo de analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e medicamentos utilizados no controle da ansiedade, sintomas gripais e dores

musculares. Oliveira *et al.* (2022) identificaram que o perfil de automedicação no Brasil apresenta forte relação com recomendações informais compartilhadas nas redes sociais, frequentemente reforçadas por relatos pessoais e experiências divulgadas por influenciadores digitais.

Esse tipo de conteúdo produz forte impacto sobre os usuários, principalmente porque experiências individuais costumam ser interpretadas como exemplos confiáveis de tratamento. A repetição dessas recomendações cria um ambiente favorável à banalização do uso de medicamentos, especialmente entre indivíduos com menor nível de letramento em saúde e pouca compreensão acerca dos riscos associados ao consumo indiscriminado de fármacos.

Melo *et al.* (2021) demonstraram que muitos seguidores associam a popularidade dos influenciadores digitais à credibilidade das informações compartilhadas. Durante a pandemia da COVID-19, esse comportamento tornou-se ainda mais evidente, favorecendo a circulação de tratamentos sem comprovação científica e ampliando práticas de automedicação. A disseminação de informações incorretas nesse período contribuiu para o aumento do uso indiscriminado de medicamentos, intoxicações, interações medicamentosas e atrasos diagnósticos.

Dados apresentados pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), em parceria com o Instituto Datafolha, revelaram que aproximadamente 77% dos brasileiros afirmam utilizar medicamentos por conta própria. O levantamento também demonstrou que jovens entre 16 e 24 anos representam parcela significativa dos usuários que buscam diagnósticos e orientações médicas na internet, evidenciando a forte influência das tecnologias digitais nos comportamentos em saúde.

O crescimento do autodiagnóstico apresenta relação direta com a popularização das redes sociais e dos mecanismos digitais de busca. Plataformas virtuais passaram a funcionar como espaços de compartilhamento de sintomas, experiências pessoais e sugestões terapêuticas, favorecendo interpretações superficiais e equivocadas sobre condições clínicas complexas. Transtornos como ansiedade, depressão, autismo e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) aparecem entre os temas mais discutidos nesses ambientes digitais, principalmente entre adolescentes e adultos jovens.

A busca excessiva por sintomas em ferramentas digitais também pode provocar aumento da ansiedade e sensação constante de adoecimento. Muitos usuários passam a interpretar sinais comuns do organismo como indícios de doenças graves após contato com conteúdos alarmistas

encontrados na internet. Esse comportamento favorece decisões precipitadas relacionadas ao uso de medicamentos e à adoção de tratamentos sem acompanhamento profissional.

Rahimisadegh *et al.* (2022) observaram que estudantes universitários utilizam redes sociais como fonte frequente de orientação terapêutica, reproduzindo práticas inseguras mesmo entre indivíduos com maior acesso à informação formal. Kokabisaghi (2024), ao analisar estudantes de medicina, identificou elevada prevalência de automedicação, demonstrando que o conhecimento técnico não impede completamente comportamentos inadequados relacionados ao uso de medicamentos.

Outro aspecto relevante refere-se à lógica algorítmica das plataformas digitais. Lima e Costa (2021) destacam que conteúdos sensacionalistas, emocionais ou baseados em promessas de resultados rápidos costumam receber maior alcance nas redes sociais. Informações produzidas por instituições científicas e órgãos oficiais frequentemente apresentam linguagem mais técnica e menor apelo visual, reduzindo sua circulação nos ambientes digitais. Esse desequilíbrio favorece a disseminação de conteúdos sem respaldo científico e amplia a exposição da população à desinformação em saúde.

Além das redes sociais, observa-se crescimento expressivo do uso de ferramentas baseadas em Inteligência Artificial para esclarecimento de dúvidas relacionadas à saúde. Chatbots, assistentes virtuais e plataformas automatizadas passaram a oferecer respostas rápidas sobre sintomas, doenças e tratamentos, despertando sensação de praticidade e confiança em muitos usuários. Contudo, essas ferramentas não substituem avaliação clínica individualizada, uma vez que não conseguem considerar integralmente aspectos como histórico médico, uso concomitante de medicamentos, alergias, condições pré-existentes e particularidades fisiológicas de cada paciente.

Puntoni *et al.* (2021) discutem que a interação com sistemas de IA pode produzir experiências semelhantes às relações sociais humanas. Segundo os autores, muitos indivíduos desenvolvem sensação de proximidade e confiança em relação às tecnologias automatizadas, principalmente quando essas ferramentas apresentam linguagem humanizada e respostas personalizadas. Esse fenômeno contribui para ampliar a aceitação social da Inteligência Artificial em diferentes áreas, inclusive na saúde.

Belk (2022), Van Doorn *et al.* (2017) e Gelbrich *et al.* (2021) também destacam que ferramentas inteligentes vêm sendo utilizadas para incentivar hábitos saudáveis, auxiliar idosos e ampliar o acompanhamento de pacientes. Apesar dessas contribuições, os autores alertam para

os efeitos negativos associados à substituição parcial das interações humanas por agentes tecnológicos, especialmente em contextos marcados pelo isolamento social e pela fragilidade dos vínculos interpessoais.

Apesar dos riscos identificados, a Inteligência Artificial apresenta contribuições importantes para a área da saúde. Ferramentas baseadas em IA auxiliam diagnósticos clínicos, organização de dados, monitoramento epidemiológico, desenvolvimento de medicamentos e otimização de processos assistenciais. Na atenção farmacêutica, aplicativos e plataformas digitais vêm ampliando o acesso a informações sobre medicamentos e fortalecendo estratégias de suporte aos usuários e profissionais da saúde (Soares, 2024).

De acordo com estudo apresentado pela Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (2026), a Inteligência Artificial pode contribuir significativamente para o enfrentamento das doenças tropicais, especialmente em regiões com infraestrutura limitada. A Dra. Rosália Morais Torres destaca que algoritmos capazes de analisar grandes volumes de dados permitem identificar surtos de doenças, reconhecer fatores de risco e auxiliar decisões terapêuticas de forma mais rápida e precisa.

Segundo a pesquisadora, ferramentas de IA também podem auxiliar diagnósticos de doenças como dengue e malária, fornecendo suporte importante aos profissionais da saúde. A capacidade de analisar informações epidemiológicas, ambientais e geográficas amplia o potencial dessas tecnologias na elaboração de estratégias preventivas e no direcionamento de políticas públicas de saúde.

Entretanto, os benefícios associados à Inteligência Artificial não eliminam os riscos relacionados ao uso inadequado dessas ferramentas. A qualidade das respostas fornecidas pelos sistemas depende diretamente da qualidade dos dados utilizados em seu treinamento. Informações incompletas, desatualizadas ou inconsistentes podem comprometer a confiabilidade das orientações fornecidas aos usuários. Radford *et al.* (2019) ressaltam que limitações nos modelos de IA representam um desafio importante no contexto da saúde, principalmente quando essas ferramentas passam a ser utilizadas como substitutas da avaliação profissional.

Outro aspecto relevante envolve o crescimento acelerado das IAs generativas a partir dos anos de 2022 e 2023. Essas ferramentas passaram a produzir respostas cada vez mais sofisticadas e semelhantes à linguagem humana, ampliando sua utilização pela população em diferentes áreas, inclusive na saúde. Bernasiuk (2024) destaca que esse avanço tecnológico

intensificou preocupações relacionadas à circulação de informações incorretas, ao fortalecimento do autodiagnóstico e ao crescimento da automedicação baseada em respostas automatizadas.

Pesquisas internacionais conduzidas pelo Oxford Internet Institute e pelo Nuffield Department of Primary Care Health Sciences demonstraram que grandes modelos de linguagem apresentam bom desempenho em avaliações teóricas de conhecimento clínico, mas ainda apresentam limitações importantes em situações reais de interação com usuários. Estudo publicado pela revista *Nature* reforçou que sistemas de IA utilizados para esclarecimento de sintomas e possíveis diagnósticos ainda não oferecem segurança suficiente para orientar decisões clínicas sem supervisão profissional.

Os resultados analisados demonstram que a Inteligência Artificial representa uma realidade cada vez mais presente na área da saúde e possui potencial significativo para ampliar o acesso às informações e fortalecer estratégias tecnológicas de assistência. Entretanto, o uso indiscriminado dessas ferramentas, associado à ausência de acompanhamento profissional e à circulação de conteúdos não confiáveis, favorece práticas perigosas de automedicação e compromete a segurança dos usuários.

Torna-se indispensável o desenvolvimento de estratégias voltadas à educação em saúde, ao fortalecimento do letramento digital da população e à regulamentação ética dessas tecnologias. A conscientização acerca dos riscos relacionados ao uso inadequado da Inteligência Artificial na saúde mostra-se essencial diante do crescimento acelerado dessas ferramentas e de sua influência cada vez maior sobre os comportamentos da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Inteligência Artificial ocupa espaço cada vez maior no cotidiano da população, principalmente na busca por informações relacionadas à saúde. O acesso rápido a conteúdos digitais, associado à facilidade de utilização das plataformas tecnológicas, modificou a maneira como muitos indivíduos interpretam sintomas, procuram tratamentos e tomam decisões terapêuticas.

A análise dos estudos demonstrou que as ferramentas digitais influenciam diretamente práticas de automedicação, especialmente por meio das redes sociais, mecanismos de busca e assistentes virtuais. Informações compartilhadas sem respaldo científico, relatos pessoais e

conteúdos produzidos por influenciadores digitais contribuem para o uso inadequado de medicamentos e para o fortalecimento do autodiagnóstico.

Os resultados também evidenciaram que a rapidez no acesso às informações não garante segurança ou confiabilidade das orientações encontradas. Muitos usuários interpretam respostas automatizadas como suficientes para conduzir decisões relacionadas à própria saúde, ignorando fatores clínicos importantes e reduzindo a procura por acompanhamento profissional.

Apesar dos riscos identificados, a Inteligência Artificial apresenta contribuições relevantes para a área da saúde. As tecnologias analisadas demonstram potencial para auxiliar diagnósticos, ampliar o acesso à informação, fortalecer ações epidemiológicas e oferecer suporte aos profissionais de saúde. O problema não está na utilização da tecnologia, mas na substituição da avaliação profissional por respostas automatizadas e conteúdos sem validação científica.

A necessidade de educação em saúde, conscientização digital e regulamentação das tecnologias torna-se indispensável diante do crescimento acelerado dessas ferramentas. O fortalecimento do letramento digital da população pode contribuir para uma utilização mais crítica e responsável das informações disponíveis nos ambientes virtuais.

O estudo permitiu compreender que a Inteligência Artificial representa um importante avanço tecnológico na saúde, mas também revela desafios relacionados à segurança das informações, à ética e aos impactos no comportamento dos usuários. A utilização consciente dessas ferramentas mostra-se essencial para reduzir riscos associados à automedicação e promover práticas mais seguras de cuidado em saúde.

10

REFERÊNCIAS

BELK, R. Emoções artificiais e amor e trabalhadores do serviço de bonecas sexuais. **Jornal de Pesquisa de Serviço**, v. 25, n. 4, p. 521-536, 2022. DOI: 10.1177/10946705221094042.

BERNASIUK, Hellen Lentz Ribeiro; SARLET, Gabrielle Bezerra Sales. Inteligência artificial e saúde: os impactos da IA generativa na saúde do Brasil. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 25, n. 2, p. 51-84, 2024.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Pesquisa aponta que 77% dos brasileiros têm o hábito de se automedicar. Brasília, DF: CFF, 2022.

CORRÊA, Andressa Regina et al. Automedicação e redes sociais: uma análise crítica dos discursos sobre saúde em plataformas digitais. **Revista de Comunicação e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 56-71, 2023.

GELBRICH, K. J.; HAGEL, C.; OSINGHER, E. Apoio emocional de um assistente digital em serviços mediados por tecnologia: efeitos na satisfação do cliente e persistência comportamental. **Jornal Internacional de Pesquisa em Marketing**, v. 38, n. 1, p. 176-193, 2021.

GOMES, Maria Eduarda Tavares et al. O consumo irracional de medicamentos na era digital: uma revisão sistemática. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 33, p. 1-9, 2023. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1570>. Acesso em: 14 abr. 2025.

KOKABISAGHI, F. The prevalence and causes of self-medication among medical university students and its implications for public health in Iran in 2020. *Health Science Reports*, 2024, Article e1983. DOI: <https://doi.org/10.1002/hsr2.1983>. Acesso em: 21 nov. 2025

KUMAR, V. et al. Entendendo o papel da inteligência artificial no marketing de engajamento personalizado. **Revisão de Gestão da Califórnia**, v. 61, n. 4, p. 135-155, 2019.

LIMA, Ana Cláudia da Silva; COSTA, André Luiz de Souza. Redes sociais digitais e saúde: desafios para a promoção do uso racional de medicamentos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 6, p. 2345-2354, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Wf8cfvMJ3ZHdZCtG4Nf5p7R/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

MELO, J. R. R. et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 10, p. e00160221, 2021.

OLIVEIRA, Ewerton de Sousa et al. Perfil de automedicação na população brasileira: uma revisão de literatura. **Revista Saúde em Foco**, v. 9, n. 1, p. 34-42, 2022. Disponível em: <https://www.revistasaudeemfoco.com/index.php/saudeemfoco/article/view/573>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PUNTONI, S. et al. Consumidores e inteligência artificial: uma perspectiva experiencial. **Jornal de Marketing**, v. 85, n. 1, p. 131-151, 2021. DOI: 10.1177/0022242920958387.